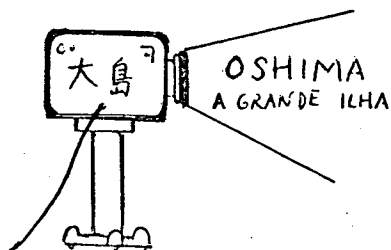


## Oshima, arquipélago entre o Oriente e o Ocidente



Oshima é mais do que uma grande ilha. Ele é a própria ilha. Cheio de mistérios e ao mesmo tempo tão próximo de nós, ele expõe o Oriente de seu corpo e de sua alma e cala a voz Ocidente.

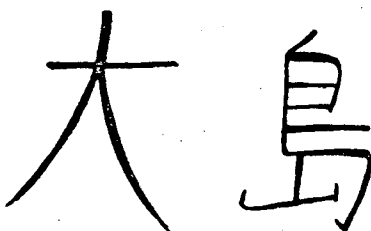
Embora o cineasta japonês seja identificado pelo público brasileiro somente pela sua obra mais polêmica, "Império dos sentidos", Oshima é mais do que ela: é "A Cerimônia", "O garoto Toshio", é o "Túmulo do Sol" e é o Nagisa Oshima. E não deixa de ser "Furyo", o seu mais recente filme, em cartaz no Brasil.

O sorriso fugaz e profundo com que o cineasta japonês fala de seu trabalho é tão instigante quanto os olhos cinematográficos que se escondem atrás dos olhos de vidro. A sua voz possante ecoa na pequena sala de entrevistas e faz vibrar a nossa mente, uma reação semelhante ao provocado pelas imagens que saem das telas e que vêm ao encontro do nosso pequeno vulcão humano. "Procuo as situações limites", afirma Oshima, o que está traduzido em alguns de seus filmes pelo amor que coexiste com a violência e que, por sua vez, está existindo a vida.

Mas Oshima está além dessa busca. Em sua passagem pelo Brasil ele deixou claro a sua preocupação com os problemas sociais e culturais do Japão. O rápido desen-

volvimento a que foi submetido o país durante o período Meiji - o auge da ocidentalização do Japão - mexeu com a estrutura da sociedade japonesa. A ascendência de samurai do cineasta, não negada por ele, se defronta com este paraíso "nipocidental" e se faz gênese do artista crítico social e político.

A época de estudante universitário de Nagisa Oshima se convertia na participação de manifestações políticas, com árduas críticas ao governo japonês. O cinema ainda não sintetizava sua vida nesse período. Somente após o término dos estudos universitários, com períodos de fértil nomadismo profissional é que "Nagisa Oshima acaba por se tomar um verdadeiro "homem da sétima arte".



"O cinema agora simboliza a procura de mim mesmo", revela, como que tentando explicar-se e se entender como homem do cinema.

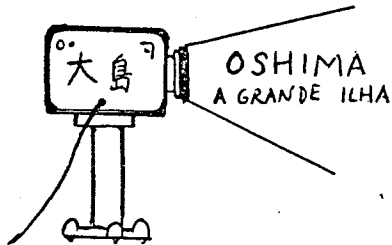
Atualmente, produzindo independentemente da política japonesa desde que se desligou da produtora Shokai, Oshima analisa e expressa os problemas pelos quais vem passando o cinema japonês. Muito de suas produções têm o capital estrangeiro; a realização de suas obras tem a co-

produção francesa ou inglesa, o que contrasta muito com a imagem que fazemos dos orientais. Embora não haja política ao nível na nossa EMBRAFILME, o mercado japonês se ressentem com a qualidade das produções exibidas. Nem todo cineasta tem a qualidade de um clássico como Akira Kurosawa ou Kenji Misogushi. Ou então de Nagisa Oshima que, juntamente com Hani, Teshigahara e Yoshida, é considerado o líder de uma nova geração do cinema japonês que surgiu na década de 60.

O que lembraria Glauber Rocha para Oshima? "Um amigo que se foi, companheiro de uma mesma época". E recordando de um episódio feliz de seus encontros, o cineasta japonês revela a intimidade que tinham, chegando a almoçar diversas vezes em um restaurante barato em que Oshima pagou a conta. "Pena que ele se foi, pois não dará mais para me devolver o dinheiro", brinca Oshima. Mas pode-se ter a certeza que Glauber estará muito agradecido, principalmente pela dedicação do cineasta à sua lembrança no filme "Furyo".

"Foram cinco anos, onde lembro cinco cineastas: três japoneses, mais o Rainer Fassbinder e o grande Glauber Rocha".

"Furyo realmente não é somente "o prisioneiro de guerra". É uma obra! (F.H.)



## Ciro Marcondes e a informação como mercadoria

Karl Kraus, tido como um dos mais ferrenhos inimigos da imprensa, encara a informação utilizada pelo Jornalismo como fala transformada em mercadoria. No Brasil, esta idéia foi muito pouco difundida. Neste ano, Ciro Marcondes Filho, professor da ECA-USP, organizou uma coletânea de textos de autores alemães que enfocam o Jornalismo sob a perspectiva da economia política. Trata-se de uma proposta inovadora na área de Comunicações. "Imprensa e Capitalismo" é o título desta coletânea, cuja 1ª edição saiu em agosto. Nesta entrevista, Ciro esclarece alguns pontos relacionados com o tema do livro.

Atualmente a informação é definida por muitos teóricos como "o conhecimento em forma de mercadoria". Qual é a particularidade deste conceito?

**CIRO MARCONDES FILHO** - "Antes da implantação em massa do Capitalismo, a informação funcionava como uma forma de controle do monopólio do poder. As pessoas mantinham o seu destaque na sociedade tendo como base o controle das informações. O capital destas pessoas era a própria informação acumulada. A partir do momento que estas notícias são colocadas no mercado, o seu monopólio é diluído. Hoje, ninguém mais se projeta na sociedade somente pelo poder de armazená-las. O controle agora se dá ao nível do domínio do capital. Neste caso, o defensor do poder não é mais o possuidor dos fatos. Passa a ser o próprio dinheiro".

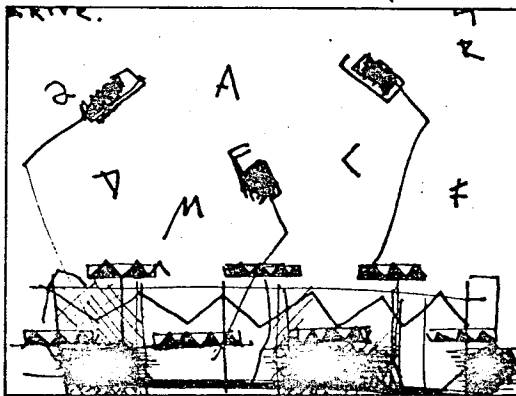
Por que você considera a imprensa e o capitalismo "pares gêmeos"?

"A imprensa aparece juntamente com o capitalismo e um não sobrevive sem o outro. Acredito que a expansão do capitalismo se deve também à venda das informações. Por outro lado, a essência da notícia está diretamente relacionada com a transformação de um fato em mercadoria.

"O Jornalismo é, sem dúvida nenhuma, uma empresa. Grande parte da imprensa Al-

temativa atendeu ao conceber o Jornalismo somente como órgão de veiculação de idéias e desprezar o seu caráter empresarial. Estes tipos de jornais só conseguem sobreviver se há algum sistema financiador por trás. O capitalismo monopolista é altamente centralizador e não dá espaço para se criar um jornal independente que não seja uma empresa".

Dentro deste contexto, é possível a existência da informação basicamente neutra, desprovida de qualquer manipulação?



"Não existe uma informação neutra, isenta de manipulação. A direita geralmente apela para este tipo de crítica que é estéril por natureza. Vale-se do argumento de que o Jornal precisa objetivar-se na medida em que as oposições começam a se manifestar na imprensa".

Em que se apoiam os opositores do Jornalismo (douttrinadores que manifestaram ódio ao Jornalismo desde o século passado) ao afirmarem que a imprensa é inimiga da reflexão?

"No fato de a informação, quando encarada como pura mercadoria, não ser nada formativa, mas especificamente uma atividade que tem a incumbência de apenas informar. Deste modo, os fatos deixam de ser aprofundados".

(Ciro Marcondes Filho é professor de Teoria da Comunicação na USP e autor do "Discurso Sufocado", livro que versa sobre Comunicação Alternativa.)

## Imprensa e capital

Imprensa e Capitalismo - de Ciro Marcondes Filho (org.). Kairós Livraria Editora, São Paulo, 1984, 172 páginas. (L.C.)

Para o jornal deixar de ser uma empresa, a política precisaria deixar de ser uma mercadoria. Esta é a idéia-síntese da coletânea de textos organizada por Ciro Marcondes Filho. Devido a inexistência de estudos teóricos no Brasil que verssem sobre a relação da imprensa com a sociedade capitalista, o autor em boa hora selecionou algumas análises feitas na Alemanha Ocidental no fim dos anos 60. Estes textos, para o organizador, deverão começar a preencher alguns vazios".

A imprensa, de acordo com a linha de pensamento seguida, torna-se uma mercadoria ao ser o seu conteúdo comercializável. A "informação", que é para o leitor o "valor de uso", serve de suporte ao "valor de troca" dos espaços publicitários. Nisto reside o duplo caráter do Jornalismo; De um lado, veículo de informação, de outro, veículo de publicidade.

A raiz do processo jornalístico está na própria estrutura da sociedade capitalista. Desta maneira, a ligação entre ambos é bastante clara e seus diálogos se interpenetram. (L.C.)